

# **AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E SEUS DISTÚRBIOS NA INFÂNCIA**

**ARAUJO**, Marcelo Castro  
celcastro\_@hotmail.com

**FIGUEIREDO**, Chrislayne Gonçalves Farias  
chris.layne@hotmail.com

**NASCIMENTO**, Yala Taissa Santos  
yalataissa@yahoo.com.br

**MEIRELLES**, Claudia (Orientadora)  
Especialista em Metodologia do ensino de Língua Portuguesa e Professora do Curso de  
Letras/Português da Universidade Tiradentes  
meirelles.claudia@terra.com.br

## **RESUMO**

A aquisição da linguagem e seus distúrbios na infância vem apresentar bases psicológicas dos processos de dificuldades da linguagem que se apresentam diante de algumas fases do desenvolvimento e aprendizagem da criança. Esse desenvolvimento reflete a estrutura da linguagem uma passagem da simplicidade para a complexidade. A aquisição da linguagem não é caótica, aleatória. Há idiossincrasias e erros, mas estes são em bem menor número do que se pode supor. O fato de as crianças, por volta dos três anos, serem capazes de fazer uso produtivo de suas línguas suscita a questão de como essas línguas são aprendidas, adquiridas. É a essa questão que as teorias da aquisição tentam responder. Todas as crianças normais adquirem a língua que ouvem falar à sua volta sem nenhuma instrução especial. Elas começam a falar com mais ou menos a mesma idade e atravessam os mesmos estágios de desenvolvimento lingüístico, portanto é impossível dizer de qualquer uma exatamente quando começou a falar. As inabilidades relacionadas à linguagem, tanto de crianças quanto de adultos, não podem ser diagnosticadas nem tratadas apropriadamente por terapeutas da palavra se não for com base numa melhor compreensão da aquisição, normal e anormal da linguagem.

**Palavras – chaves:** Aquisição, linguagem, criança, distúrbios, desenvolvimento.

## **AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E SEUS DISTÚRBIOS NA INFÂNCIA**

### **INTRODUÇÃO**

O artigo “A aquisição da linguagem e seus distúrbios na infância”, vem apresentar bases psicológicas dos processos de dificuldades da linguagem que se apresentam diante de algumas fases do desenvolvimento e aprendizagem da criança. Esse desenvolvimento reflete a estrutura da linguagem, uma passagem da simplicidade para complexidade. Os dados apresentados neste artigo basearam-se a partir de pesquisas bibliográficas.

As diversas teorias a serem apresentadas apóiam-se em concepções do modo em que as crianças vivem, e seus distúrbios na fala e da linguagem só podem ser concebidos a partir do conhecimento e de desenvolvimento normal, e é por esta razão que parece indispensável examinar inicialmente as características clínicas e as leis da evolução da linguagem na criança.

O objetivo do trabalho é mostrar as habilidades da criança para adquirir linguagem, sendo importante a distinção entre as formas padronizadas e as formas limitadas, informando que múltiplos fatores em jogo e imbricam sua ação. Nenhuma demarcação separa as crianças entre si e se diferentes casos surgem cada criança deve ser estudada em si mesma.

Para melhor compreensão dessas idéias, apresentaremos três pontos de fundamental importância para esse trabalho que são:

- A linguagem infantil e suas fases;
- Linguagem na criança, aquisição fácil;
- Desvios na aquisição da linguagem e suas conseqüências.

A linguagem é a forma assumida por grande parte do nosso pensamento e é constituída por vários elementos que afloram à medida que a criança amadurece.

Quando estudamos a linguagem humana estamos nos aproximando do que se poderia chamar de essência humana, essas qualidades da mente que são, pelo que sabemos até agora exclusivas dos humanos. (NOAM CHOMSKY, 1972)

A linguagem é ao mesmo tempo, uma função e um aprendizado. Esta aquisição ocorre durante toda a infância, evidentemente é a comunicação com o outro e ao mesmo tempo é um aprendizado cultural que está ligado ao meio da criança.

Slama Cazacu (1986) observa que a linguagem da criança de 2 a 5 anos está estreitamente ligada à ação; a criança fala mesmo quando parece que ela não se está dirigindo a ninguém, para verbalizar sua ação, para fazê-la conhecer ao outro e, se necessário solicitar indiretamente um auxílio.

Quando o aparelho vocal humano desenvolveu a capacidade para pronunciar vogais, nossa capacidade para a linguagem explodiu, projetando a espécie para frente. (Diamond, 1989)

Além disso existe a linguagem gestual e mímica, que acompanha a fala antes da aparição de uma linguagem utilizável, ou a linguagem que basta por si e é empregada em circunstâncias particulares.

Quer falada, escrita ou sinalizada, a linguagem nos permite comunicar idéias complexas de pessoas e transmitir conhecimento acumulado da civilização das gerações. A área da aquisição não é a única área de pesquisa dentro da psicolingüística. Tampouco é a única que foi revolucionada pelo surgimento do gerativismo Chomskiano.

Na avaliação psicológica da criança a função de representação tem prioridade do ponto de vista temporal. Gustavo Guillaume dizia que, “*antes de servir para a comunicação com o outro, a linguagem serve para representar o universo, para dizê-lo por si mesmo.*”

## 1. A LINGUAGEM INFANTIL E SUAS FASES

Por que os bebês não nascem falando? Os bebês humanos nascem antes de seus cérebros estarem completamente formados. Se os seres humanos permanecessem na barriga da mãe por um período proporcional àquele de outros primatas, nasceriam aos dezoito meses, exatamente a idade na qual os bebês começam a falar, portanto, nasceriam falando.

É comum dividir o estágio inicial da aquisição de linguagem em duas fases: pré-lingüística e lingüística. No estágio pré-lingüístico, a capacidade lingüística da criança desenvolve-se sem qualquer produção lingüística identificável. Sem levar em conta as mudanças biológicas que facilitam o desenvolvimento lingüístico e ocorrem nos primeiros meses de vida da criança, é o balançar dos bebês de aproximadamente 6 meses que sinaliza o começo da aquisição da linguagem. Esse período é tipicamente descrito como pré-lingüístico porque os sons produzidos não são associados a nenhum significado lingüístico. O estágio dos balbucios é marcado por uma variedade de sons que muitas vezes são usados em algumas das línguas do mundo, embora muitas vezes não sejam a língua que a criança irá, posteriormente falar.

O primeiro estágio verdadeiramente lingüístico da criança parece ser o estágio de uma palavra: nesse estágio, que aparece a poucos meses delas completarem um ano, as crianças produzem suas primeiras palavras. Durante esse estágio, as suas falas se limitam a uma palavra, que são pronunciadas de maneira um pouco diferente da dos adultos. Crianças nessa fase, além de pronunciar as palavras de maneira diferente também querem dizer coisas diferentes com elas.

Muitos pesquisadores perceberam que as crianças parecem expressar significados complexos com suas expressões curtas. É como se suas sentenças de uma palavra

representassem um pensamento completo. Esse uso da linguagem indica que o desenvolvimento conceitual da criança tende a ultrapassar seu desenvolvimento lingüístico nos primeiros estágios da aquisição.

Dessa forma, mesmo que a primeira hipótese sobre aquisição da linguagem seja de que a criança simplesmente adquire sons e significados, a investigação das primeiras palavras da criança indica que o conhecimento adquirido por aquelas de um ano de idade toma a forma de um sistema rico de regras e representações. Como esses sistemas abstratos foram deduzidas, principalmente, através das experiências das crianças na comunidade lingüística, as diferenças entre a gramática da criança e a do adulto são compreensíveis.

A partir do estágio de duas palavras é possível examinar o desenvolvimento sintático, mesmo que seja de maneira rudimentar. O sistema lingüístico da criança nessa fase também é diferente do adulto. Além das diferenças de pronúncia e significado, elas também possuem uma gramática diferente da deles. Obviamente produzem sentenças mais breves; além da maioria delas serem sentenças inovadoras, não sendo apenas imitações da dos adultos.

Embora os estágios de uma e duas palavras não tenham um início e um final determinado, existem características confiáveis para identificá-los. A partir desse ponto, no entanto, isso não será mais possível.

À medida que o MLU (média de palavras por expressão) aumenta, a complexidade da gramática que gerencia essas palavras torna-se mais complexas, no entanto, continua sendo deficiente em relação à dos adultos (crianças de dois e três anos). O discurso das crianças dessa idade é descrito como discurso telegráfico, omitindo pequenas palavras como determinantes e preposições. Além disso, existem problemas com as estruturas que não seguem uma regra geral, por exemplo, é comum as crianças dizerem “eu trazi”, generalizando a regra dos verbos regulares.

O interessante é que antes de cometerem este erro, elas passam por uma fase em que usam o verbo adequadamente. Uma explicação para essa regressão é que no início elas simplesmente imitam a formação do verbo, mais tarde, no entanto, após aprender a regra de formação, elas simplesmente a aplicam para todos os verbos. Porém, com o passar do tempo acabam aprendendo a forma certa, mesmo que seja através da memorização.

Após o estágio de duas palavras as crianças expandem seu vocabulário, aprendem as regras de construção (negativa, passiva, etc.) presentes na língua, aprendendo seu sistema fonológico e morfológico, aperfeiçoando sua pronúncia, e, geralmente, alcançando a convenção adulta de maneira bem rápida (entre os seis e sete anos), mesmo que demorem a aprender estruturas mais complexas, como a voz passiva.

A aquisição da linguagem é certa até os seis anos, fica comprometida depois dessa idade até a puberdade e é rara depois disso. Uma explicação plausível seria as alterações maturativas que ocorrem no cérebro, tais como o declínio da atividade metabólica e do número de neurônios durante o início da vida escolar, e a estagnação no nível mais baixo do número de sinapses e da atividade metabólica por volta da puberdade.

Embora o processo de socialização seja universal, o conteúdo da socialização varia muito, embora de forma sistemática, entre as diferentes culturas. Toda sociedade desenvolve uma abordagem à criação da criança que reflete seus valores culturais locais. Independentemente do contexto específico, contudo, o objetivo da socialização lingüística é sempre promover a competência comunicativa a habilidade de utilizar a linguagem de forma apropriada na comunidade.

A linguagem apresenta interseções com a socialização em três domínios (Gleason, 1988). Primeiramente, os pais e outros tutores utilizam a linguagem para instruírem a criança sobre o que fazer, sentir e pensar – basicamente as “ordens de comando” para criança uma série de formas lingüística, incluindo ordens, explicações e anedotas, podem ser utilizadas

para transmitir estas regras sociais nos lares americanos, os pais dizem às crianças, de forma explícita, como sentar-se e como comer. Embora os pais e outros tutores às vezes detém os tópicos e a forma de socialização de modo unilateral, a socialização direta através da linguagem também ocorre em respostas às iniciativas das crianças, regras e padrões de conduta.

O segundo domínio em que as socializações ocorrem é explicitamente lingüístico; os pais ensinam às crianças o que dizer (e o que não dizer) em diversas ocasiões. Desde uma idade bem precoce, as crianças são instruídas a produzirem determinadas formas de fala, incluindo rotinas de polidez, cumprimentos e performativos religiosos ou de feriados (por exemplo, dizer “obrigado”, dizer “oi”, rezar antes das refeições). Estas instruções podem assumir diversas formas. Pode-se pedir às crianças para falarem algo, pode-se incomodá-las até que digam uma outra coisa, ou pode-se proibi-las de falar.

O terceiro e último domínio em que a socialização lingüística ocorre é nos aspectos sutis e indiretos da própria interação lingüística. Determinados traços da interação variam de forma sistemática, estando correlacionados com variáveis individuais ou de grupo. Os pais expressam e perpetuam padrões culturais específicos e baseados no sexo. Tornando-se mais aparente somente com o tempo, quando se observa que os comportamentos particulares (interrupção, elogio) variavam de acordo com o sexo da criança.

As regras sociais implícitas para o uso da linguagem estão por trás de muitas diferenças observadas em relação ao sexo, idade e classe social.

## **2. LINGUAGEM NA CRIANÇA. AQUISIÇÃO FÁCIL?**

Nos primeiros seis meses de vida a criança passa normal e sucessivamente do choro ao arrulho e do arrulho ao balbucio. Há pouca dúvida de que esta seqüência de desenvolvimento

é determinada de nascença, pois os sons produzidos no choro e no arrulho, e no início do período do balbucio, não são afetados pelos ambientes lingüísticos nos quais a criança é criada, e as crianças surdas também choram, arrulham e, pelo menos no início, balbuciam do mesmo modo que as crianças que ouvem. É particularmente interessante o fato de que não são empregados na língua do ambiente da criança e que mais tarde ela terá bastante dificuldade de adquirir, no caso de vir a estudar uma língua estrangeira. No final do período do balbucio a maioria das crianças terá adquirido alguns dos padrões de entonação de sua língua nativa. Não há provas, no entanto, de que os padrões de entonação superpostos a um enunciado balbuciado tenha uma função comunicativa distintiva, embora os adultos frequentemente os interpretem como se tivessem. Apesar de o balbucio claramente preparar o terreno, em certo sentido, para a fala, é discutível se deveria ser considerado com tendo tal preparação como sua função biológica, principal.

Quando a criança atinge os nove meses mais ou menos – ela começa a revelar provas de ter embarcado na construção do sistema fonológico de sua língua materna. Em alguns casos o balbucio sobrepõe-se por um tempo considerável ao processo de aquisição e uso de distinções fonológicas; e a diferença entre balbuciar e falar torna-se então bastante aparente. A maioria dessas distinções fonológicas terão sido dominadas quando a criança atinge os cinco anos. Mas algumas das distinções mais difíceis foneticamente ou, no caso da estrutura prosódica, mais complexas funcionalmente podem não ser adquiridas até a criança ser bem mais velha.

A aquisição da linguagem não é aleatória. Há erros, mas estes são em bem menos números do que se pode supor. O fato de as crianças, por volta dos três anos, serem capazes de fazer uso produtivo de suas línguas suscita a questão de como essas línguas são aprendidas, adquiridas. É a essa questão que as teorias de aquisição tentam responder.



Para as teorias empiristas, o que é inato é a capacidade de formar associações entre estímulos, ou entre estímulos e respostas, com base na similaridade, a estrutura não está no indivíduo, nem é construída por ele, mas está no exterior, fora do organismo.

No behaviorismo, Skinner propunha ser capaz de prever e controlar o comportamento verbal mediante variáveis que controlam o comportamento (estímulo, resposta, reforço) e a especificação de como essas variáveis interagem para determinar uma resposta verbal particular. Segundo essa proposta, um estímulo externo provoca uma resposta externa do organismo. Se essa resposta for reforçada positivamente, a tendência é que o comportamento é eliminado. Se não há reforço, o comportamento também tende a desaparecer.

Imagine a situação de uma criança que vê a mãe e quer sair do berço (estímulo). Ela começa a chorar (resposta). Caso a mãe a retire do berço, estará reforçando positivamente o comportamento da criança, isto é, a criança “aprende” que para sair do berço deve chorar. Se, por outro lado, a mãe não atende a criança (reforço negativo), está “aprenderá” que não é chorando que vai conseguir sair de lá.

O mesmo princípio é usado para o aprendizado da língua. Imagine que a criança vê a mamadeira (estímulo) e diz “mamã”. Se ela conseguir com isso que lhe dêem a mamadeira, será reforçada positivamente, “aprenderá” que quando quiser comida deve dizer “mamã”.

Nos dados de aquisição trazem duas outras questões para as teorias behavioristas. O primeiro diz respeito à rapidez do processo. Uma criança com apenas quatro anos já é competente em sua língua nativa e domina a maior parte das regras dessa língua. Se o aprendizado se dá por imitação, seria esperado um tempo muito maior de exposição a língua para que a criança adquirisse um repertório suficiente de frases para que pudéssemos dizer que ela “aprendeu” uma língua.

Para o cognitivismo, Piaget dá grande valor a experiência, mas não se deve confundir-lo com um empirista. Para ele, a criança constrói o conhecimento com base na experiência com o mundo físico, isto é, a fonte do conhecimento está na ação sobre o ambiente. Piaget propõe que o desenvolvimento cognitivo passa por períodos, estágios, sensório-motor (zero a dezoito meses), pré-operatório (dois a sete anos), operações concretas (7 a 12 anos) e operações formais. Os estágios piagetianos são universais e, em cada um, a criança desenvolve capacidades necessárias para o estágio seguinte, provocando mudanças qualitativas no desenvolvimento. As principais características dos estágios são a ordem de sucessão das aquisições é constante, as estruturas construídas são parte integrante das estruturas seguintes, portanto, cumulativas; a caracterização desses estágios é pela estrutura do conjunto e não pela justaposição de propriedades estranhas; os estágios comportam um nível de acabamento; eles têm processos de formação e formas de equilíbrio possíveis de distinção.

São muitos os estudos sobre aquisição da linguagem numa abordagem cognitiva e também das demais. Uma questão deve ser colocada a todos: a noção de estágios. Como foi mostrado, o estágio é geral, invariável e cumulativo. Isso significa que todas as crianças deveriam passar pelos mesmos processos, e na mesma ordem, durante a aquisição da linguagem. No entanto, não é isso que se encontra. Mesmo estudos que assume estágios, falam de variações no processo de aquisição, ou de como crianças não passam por determinados estágios.

A aquisição da linguagem da criança pode ser considerada fácil, pois o sistema simbólico lingüístico que a criança deve assimilar, é adquirido progressivamente pelo contato com o meio durante toda a infância. Segundo Chomsky, ele considera o desenvolvimento da linguagem como ajudar uma flor a crescer à sua própria maneira. Em sua opinião, é parecido com a maturação sexual: com um cuidado adequado, simplesmente acontece à criança. Todos

os idiomas humanos têm os mesmos elementos de construção, como substantivos e verbos, sujeito e objeto, negações e interrogações, singular e plural. Portanto, os 5.000 idiomas humanos são dialetos da gramática universal para a qual nosso cérebro foi preparado. Graças à gramática universal inata, aprenderemos prontamente qualquer língua que ouvirmos. Acontece de forma tão natural como as aves aprendem a voar, que o treinamento pouco ajuda. Se a criança não for exposta a uma linguagem, um grupo de crianças inventará a sua. Sem exposição à linguagem, crianças surdas também criarão espontaneamente a sua, completa, com uma gramática sofisticada.

### **3. DESVIOS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E SUAS CONSEQÜÊNCIAS**

O distúrbio da linguagem é multidimensional porque é determinado por vários fatores que podem ser distintos da variação evolutiva normal. Esta tarefa presume que o desempenho com distúrbio é antes de mais nada identificável e que o mesmo está sujeito à quantificação objetiva.

Aborda-se, assim, do ponto de vista da percepção, isto é, elementos necessários e suficientes para que a fala seja entendida e inteligível, tornando, assim, a comunicação humana possível.

Os desvios estão associados a uma grande variedade de etiologias, incluindo o trauma pré e pós-natal, síndromes genéticas, distúrbios metabólicos, processos de doenças e privação ambiental. Os distúrbios da fala e da linguagem infantil só podem ser percebidos a partir do conhecimento e desenvolvimento normal e é por esta razão que nos parece indispensável. Exames em crianças de 3 a 4 anos respondendo assim porque elas não falam.

No caso de retardos simples da fala é, em princípio, absolutamente normal, elas compreendem, como é próprio à sua idade e respondem por gestos, reconhecendo os nomes

de pessoas, objetos, frases e etc., nesse momento elas adquirem a expressão verbal, o grau da evolução da linguagem deve ser apreciado não apenas no que se refere a fala, (na realidade é o que satisfaz os pais), mas no que se refere à organização da linguagem em si.

Já com relação às disfasias, ela é empregada em lesões orgânicas clinicamente detectadas que designa casos de elaboração tardia e imperfeita da linguagem, o caráter evolutivo desses distúrbios se modificam com o crescimento. Esses certamente são observados entre os distúrbios de aquisição da linguagem e as dificuldades práxicas que são igualmente um elemento essencial dos distúrbios de fala de enfermidade motora cerebral.

A linguagem leva a criança a situar o que é exterior a ela, com as diferenças, e as relações que os objetos têm uns em relação aos outros.(PIAGET)

A aparição da linguagem não é um fato isolado nem fortuito, ou ligado somente a imitação do meio, ela traduz a capacidade que a criança de 1 ou 2 anos tem para evocar a imagem de um objeto, de uma ação ou acontecimento ausente que implica na existência de significantes diferenciados. Um problemático comumente é o da morfologia gramatical, a criança seleciona o ajuste apropriado de parâmetros para uma determinada categoria em sua língua, e a partir de um pequeno conjunto de ajustes possíveis, com base na exposição da dados relevantes.

Sem recursos gramaticais suficientes, elas têm dificuldades em construir textos coesos, em reparar interrupções conversacionais e em variar sua fala para que a mesma seja adequada às situações sociais. (JOHSTON, 1988)

As conseqüências que estes distúrbios podem causar estão: no campo afetivo, emocional, intelectual e etc. Essa abordagem mostra o quanto é prejudicial e atrasado o processo evolutivo e que pode ser insuficiente para caracterizar o desempenho com distúrbio.

O atraso no surgimento dos gestos lexis e gramaticais iniciais, bem como déficits residuais nas funções léxico-semânticas e sintáticas enumera os diversos fatores persistentes

do distúrbio de linguagem. Os distúrbios da fala e da linguagem da criança podem ser considerados como anomalia que devem ser estudadas em si e em relação a linguagem normal.

Delineiam os importantes aspectos que envolvem a linguagem desde a sua aquisição, fazendo um acompanhamento instigante dos períodos de desenvolvimento da linguagem e sua aquisição, seu desenvolvimento finalizando com os desvios, e o que isso afeta no desenvolvimento da linguagem. Estes fatores diversos serão modificados com a idade: geralmente em crianças de 1 a 5 anos. É nessa fase, após os 5 anos que algumas deficiências na linguagem já desapareceram ou se normalizaram. Contudo, uma importante minoria persiste e mantém-se após essa idade.

A partir daí ocorre a persistência nos distúrbios de linguagem, as incidências de dislexia e os graves problemas escolares, que se colocam até o fim da escolaridade elementar e frequentemente depois, puramente relacionadas a aquisição da linguagem. O que se desprende deste período, e antes do comprometimento essencial da função da linguagem com suas associações freqüentes. Sendo assim, não se pode dissociar casos dessa ordem de dificuldade na aquisição com problemas de perturbação emocionais graves.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Está claro que aquisição inicial das palavras e dos significados das palavras por crianças pequenas é um processo extremamente complicado. Este processo é bastante limitado pelas representações cognitivas existentes na criança (embora a aquisição de palavras também possa desencadear a formação de novas estruturas cognitivas), pela capacidade da criança de analisar, modificar representações internas, e pelo input lingüístico recebido pela criança. Também está claro que há consideráveis diferenças individuais nos padrões de desenvolvimento lexical inicial que são exibidos por diferentes crianças por exemplo, em

termos de conteúdos de seus vocabulários e em termos do crescimento quantitativo do léxico inicial.

Segundo Chomsky, os princípios de aprendizado preconizados pelos behavioristas são muito insatisfatórios para explicar como a criança aprende a linguagem. Se a criança tivesse que enfrentar a tarefa de aprender a linguagem sem que houvessem princípios inatos de aprendizado da linguagem, então não haveria maneira pela qual a linguagem pudesse ser aprendida por simples associações, estímulo-resposta. Um dado fundamental de sua argumentação é que o input da linguagem para criança fornece base inadequada para o aprendizado da linguagem.

Existem duas maneiras de investigar o papel do input na aquisição da linguagem no seio de uma população normal. Primeiro, pode-se procurar correlações entre o input da linguagem e o grau de desenvolvimento da linguagem. Sem embargo, se existe uma associação positiva entre como a mãe fala à criança e como esta criança se desenvolve, não pode-se ter certeza que isto reflita uma cadeia causal de mãe para filho. É possível que o comportamento infantil afete a forma como a mãe se comunica. Uma segunda abordagem, mais satisfatória, consiste em manipular o input para criança, com o objetivo de verificar como isto afeta o aprendizado verbal. Entretanto, embora seja licito modificar o input para as crianças em formas capazes de intensificar o desenvolvimento da linguagem, dificilmente seria considerada ética a utilização desta abordagem para investigar os limites mais baixos de input compatíveis com a aquisição normal.

A sintaxe não é, como verifica-se, um problema exigindo uma constante reformulação de conceitos e concepções. A pergunta que se coloca ao falar-se de sintaxe nas crianças é a de quando começa uma criança a produzir enunciados verbais estruturalmente lógicos. Após tal estudo conclui-se que a fronteira entre uma mera palavra pronunciada e uma extensa frase, com vários elementos coordenativos e subordinativos é muito relativo, pois uma só palavra,

mesmo fonologicamente incorreta, que uma criança pronuncie, pode ser tomada como um enunciado completo.

É ao longo de seis anos que a criança, através do que ouve pelas conversas entre os adultos e os diálogos que estes têm consigo, vai memorizando e reconstruindo as estruturas que lhe permitiram ter um discurso mais ou menos fluente e lógico. Tais estruturas não poderão ser estudadas em relação a uma gramática própria dos adultos, pois a criança nos primeiros anos não têm qualquer consciência das regras. O seu estudo deverá antes, ser feito a partir daquilo que a criança é capaz de pronunciar ao tentar fazer-se compreender, abstraindo das regras contidas na gramática normativa da língua materna e residentes no inconsciente dos adultos falantes.

Entre as maravilhas da natureza a habilidade de uma criança para adquirir linguagem. A facilidade com que as criança progredem do estágio do balbucio para o estágio de uma só palavra, o estágio de duas palavras e além de desencadear um vivo debate sobre a maneira como fazem isso. O behaviorista Skinner explicou que aprendemos a linguagem pelos princípios familiares da imitação e reforço. Ao contestar essa alegação, o lingüista Noam Chomsky argumentou que as crianças são biologicamente preparadas para aprender palavras e usar a gramática. Para o domínio da gramática, a aprendizagem que ocorre durante os primeiros anos de vida é crítica. Portanto, a linguagem, a forma assumida por grande parte do nosso pensamento, é constituída por vários elementos que afloram à medida que a criança vai amadurecendo.

## **REFERÊNCIAS**

BISHOP, Dorothy; MOGFORD, Kay. **Desenvolvimento da linguagem em circunstâncias excepcionais**. Editora Revinter, Rio de Janeiro: 2002.

CLÉMENT, Launay; BOREL, Haisony. **Distúrbios da linguagem, da fala e da voz na infância**. Editora Roca, São Paulo: 1996.

DIAMOND, J. **Variação da linguagem humana**. 1986.

JOHNSTON, L. B. **Aspectos semânticos e sintáticos da linguagem da criança**. 1984

MACWHINNEY, Brian; FLETCHER, Paul. **Compendio da linguagem da criança**. Ed. Artes Médicas. Porto Alegre: 1997

MYERS, David. **Introdução à Psicologia Geral**. Editora LTC, Rio de Janeiro: 1999.

PIAGET, J. **A linguagem da criança**. London: Routledge & Kegan Paul. 1962.

PINKER, Stevem. **O instinto da linguagem como a mente cria a linguagem**. Editora Martins Fontes. São Paulo: 2004